

- Chancelaria do Arcebispado de São Paulo. *Arquidiocese de São Paulo. Histórico*. (José Albanez).
- BARROS, E. L. de. Desenvolvimento e planejamento urbano em São Paulo durante a República Velha. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. v. 45, n. 195 (1982) 33-48.
- BARKEN, J. C. *La peur et la mort*. Paris: Marabout, 1972.
- BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo 1918. Epidemia e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- BIRABEN, J. N. Epidemias e historia da população, in MARCILIO, M. L. (org.). *População e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1984, pp. 110-136.
- BRUNO, E. da S. *Historia e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Hucite, 1984.
- CARONE, E. *A República Velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1975.
- MERHY, E. E. *O capitalismo e a saúde pública*. Campinas: Papirus, 1985.
- NEVES, F. A. (Coord.). *O padre junto aos doentes e moribundos*. Porto: Centro de Propaganda Religiosa em Portugal e Brasil, 1907.

Pe. Ney de Souza é doutor em História da Igreja.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

JUDAS NA TRAMA DAS REALIDADES SIMBÓLICA E DIABÓLICA: INSTRUMENTO DE DEUS OU DE SATANÁS?

Pe. Dr. César Teixeira

1 - INTRODUÇÃO

O traidor foi recebido como uma incógnita e a traição como um escândalo por Jesus não tê-lo separado da íntima comunidade de mesa. Essa incógnita e escândalo aparecem na medida em que se constata justamente o mal agir de Judas, mas também sua existência como um discípulo do Senhor, um de seus eleitos que comia com Ele e O escutava por muito tempo. Assim sendo, de fato, a comunidade primitiva haveria de se perguntar como poderia Cristo aceitar um ladrão e traidor entre seus íntimos seguidores? Como poderia isto acontecer? Somente depois que a jovem Igreja respirou ares de tranquilidade, diante dos constantes ataques advindos dos poderes do mundo pagão, é que encontrou bases sólidas para compreender a traição de Judas, o discípulo de Keriot. E foi Orígenes quem por primeiro se ocupou com os terríveis problemas históricos e teológicos do evento da traição. Seus pontos de vista serviram de base para as teologias que dependeram destes por muito tempo¹.

O presente artigo quer destacar, além de abrir os horizontes para outras questões, o conflito que a pessoa de Judas, o traidor, representou nos primórdios da Igreja. Esta reflexão tem como ponto de partida o seguinte texto de Mc 14,21:

¹ BROWN, R. E. *The Death of the Messiah, From Getsemane to the Grave*. Vol. 2. New York-London 1994, p. 1396: "The figure of Judas scarcely helped the Christian image; Indeed an opponente like Celsus could point to him as an erroneous choice by the supposedly divine Jesus (Origen, *Contra Celsum* 2.1)". Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot*. Church History 22 (1953) 253-254.

^{21a}Certo, pois, o Filho do Homem vai conforme está escrito a seu respeito; ^{21b}mas ai desse homem mediante o qual o Filho do Homem é entregue; ^{21c}seria melhor para ele se não tivesse nascido esse homem².

2 – A PRÉ-HISTÓRIA DO TRAIADOR

A conexão do v. 21 com a seção anterior vv. 18-20 não existia na tradição³. Dois argumentos reforçam esta posição: a traição é assumida como já realizada e a identidade de Jesus é uma interpretação pós-pascal⁴. No texto isto se percebe já no início, por meio da função incomum de ὅτι (**certo**), que não pode ser entendida no sentido próprio⁵. A causa e consequência da “ida” (ὑπάγει) e da “entrega” (παραδίδεται) do Filho do Homem são assumidas pelo projeto da realização do plano de Deus em conformidade com as Escrituras.

² O texto grego de Mc 14,21: ὅτι ὁ μὲν υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ὑπάγει καθὼς γέγραπται περὶ αὐτοῦ, οὐαὶ δὲ τῷ ἀνθρώπῳ ἐκείνῳ δι’ οὗ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδεται. Καλὸν αὐτῷ εἰ οὐκ ἐγεννήθη ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος.

³ Entende-se por tradição uma mensagem muito antiga e que, em geral, é recebida e transmitida por escrito ou oralmente. Essa prática da transmissão de uma herança religiosa de geração em geração já existia desde o Antigo Testamento. Os sacerdotes comunicavam a *torah* (a instrução a respeito da doutrina e da vida moral) como um tesouro sagrado aos fiéis.

⁴ Cf. WHITE, J. L. *Beware of Leavened Bread. Markan Imagery in the Last Supper*. Forum 3 (1987) 61; KELBER, W. H. (Ed.) *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*. (with contributions by V. K. ROBBINS. Last Meal. Preparation, Betrayal and Absence Mark 14 :12-25) Philadelphia 1976, p. 33; SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus. Tradition und Redaktion in Markus 14,1-42*, (Forschung zur Bibel) Mainz 1971, p. 237-241.

⁵ Para L. Schenke, já a difícil introdução faz claro que não pode ser original a conexão entre o v. 21 e 18-20. Ὅτι identifica muito mais uma ruptura dentro da passagem 14,17-21. O contexto não permite entender ὅτι como conjunção causal. Fica só a possibilidade para considerar ὅτι como recitativo (cf. SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit., p. 237-238; ZERWICK, M. *Biblical Greek*. Rome ²1963, p. 143 § 420).

O v. 21a fornece agora de modo enfático a “racional” interpretação do traidor que come com Jesus e pertence à comunidade de mesa de refeição⁶.

Se por um lado a conexão do v. 21 não é tradicional, por outro lado também a sua unidade não provém da tradição. De fato, observando o v. 21 atentamente, percebem-se algumas tensões. A primeira situa-se na construção com “**pois...mas**” (μὲν...δὲ) que aparentemente fornece uma integração natural ao conjunto do versículo, fornecendo-lhe uma relação de contraste. Se isto, porém, fosse verdadeiro, deveria ser colocado ὁ μὲν...τὸ δὲ (um artigo antes do δὲ) que constitui a verdadeira relação de contraste em Marcos, como em 12,5 e 14,38. Outra tensão situa-se nos termos da ação principal na premissa do oráculo, expressa pelo verbo ὑπάγει (**vai**) sem nenhuma relação com a parte central, cuja ação é παραδίδεται (**é entregue**), o que constitui uma ruptura. Tudo isto contribui para evidenciar o caráter redacional do v. 21a e tradicional do v. 21b⁷. Por outro lado, estas questões são melhor compreendidas quando comparadas, do ponto de vista da estrutura e do tema, com o oráculo de Lc 17,1-3 que preservou de Marcos a fórmula mais primitiva. A

⁶ DORMEYER, D. *Die Passion Jesu als Verhaltensmodell. Literarische und Theologische Analyse der Traditions- und Redaktionsgeschichte der Markuspassion*. Münster 1974, p. 97: “ὅτι ist Anschluß des Jesuswortes zur nachträglichen Begründung der Zulassung des Verrates”. KELBER, W. H. (Ed.) *The Passion in Mark...* op. cit. p. 31: “The formula, ‘as it is written’, continues the idea of scriptural fulfillment in 14:21. Moreover, it provides the rationale for the specific identification of one of the twelve as the betrayer”.

⁷ M. Bastin, citando C. Colpe, afirma que Mc 14,21a e 21b não constitui uma unidade, mas uma antítese, sublinhando justamente a oposição dos sujeitos por meio das partículas μὲν e δέ (cf. BASTIN, M. *Jésus Devant sa Passion*, Paris 1976, p. 146, nota 58; COLPE, C. “ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου”, in G. Kittel – G. Friedrich. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Vol. 14. Col. 391. Nota 326. Brescia 1990). Para L. Schenke, entre Mc 14,21a e 21b encontra-se uma ruptura literária, indicando que ambas as metades do versículo não eram unidas entre si originalmente. Logo, o v. 21a é redacional e o v. 21bs. tradicional (Cf. SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit. p. 260-267). Ao contrário, DORMEYER, D. *Die Passion Jesu als Verhaltensmodell*, op. cit. p. 97, conclui que a estatística do vocabulário não dá para o v. 21a.b nenhum resultado, somente o v. 21c remete à tradição.

partir destas comparações pode ser reconstituído hipoteticamente como deveria ser o texto ou as mudanças efetuadas no oráculo de Mc 14,21. Eis a comparação⁸:

Lc 17,1-3	Mc 14,21	Hipótese de reconstituição
1. É inevitável que haja escândalos 2. mas ai daquele que os causar! 3. melhor lhe fora ser lançado ao mar com uma pedra de moinho enfiada no pescoço...	1. Certo, mas, o Filho do Homem vai conforme está escrito a seu respeito; 2. mas ai desse homem mediante o qual o Filho do Homem é entregue; 3. seria melhor para ele se não tivesse nascido esse homem.	1. O Filho do Homem é entregue (Mc 8,31 9,31; 14,41). 2. mas ai desse homem mediante o qual o Filho do Homem é entregue: 3. seria melhor para ele se não tivesse nascido esse homem.

A primeira palavra dirigida ao Filho do Homem no v. 21a marca uma progressão, cuja pré-história repousa suas bases na segunda palavra mencionada no v. 21b, vinda da tradição. Provavelmente é a profecia mais antiga da paixão. O escândalo é o tema básico em Lucas e aparece, no modelo de Marcos, sob a forma da ida e da entrega do Filho do Homem, sublinhando a idéia da disposição divina como vontade de Deus que é realizada na paixão do Filho do Homem. Estes dois aspectos são conectados pela sentença de dor (v. 21b) e concluídos pela ameaça (v. 21c). O escândalo como tal situa-se nos vv. 18-20, nos quais a intimidade pessoal da comunidade de mesa foi brutalmente violada pela traição. O propósito da adaptação do oráculo de Marcos é intensificar a necessidade da Escritura para esta situação especial, ou seja, o traidor é um discípulo que compartilhava a mesa de companheirismo com Jesus⁹.

⁸ Cf. ERNST, J. *Il Vangelo secondo Marco*. Vol. 2. Brescia 1991, p. 657; SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus*, op. cit. p. 268-270. DORMEYER, D. *Die Passion Jesu als Verhaltensmodell...* op. cit., p. 98: "Die Vermischung des Wehspruches mit dem Warnspruch ist für die Synoptiker ungewöhnlich und findet sich außer Mk 14,21 par nur noch Lk 17,1. Für das hohe Alter von Lk 17,1 spricht, daß das Schema des Wehspruches und des Warnspruches, die Dreiergliederung, beibehalten ist; in 14,21 ist gleichfalls die Dreiergliederung erkennbar".

⁹ Cf. ERNST, J. *Il Vangelo secondo Marco*. op. cit. p. 657; KELBER, W. H. (Ed.) *The Passion in Mark...* op. cit. p. 34.

Quanto à expressão de lamento, **ai desse homem mediante o qual** (unida com: **o Filho do Homem é entregue**), percebe-se seu teor histórico no próprio tom semítico¹⁰ que ela possui, basta tomar como exemplo o uso do pronome demonstrativo ἐκεῖνος (**desse**), de raiz semítica que, como tal é "átomo", isto é, não possui uma confirmação direta, como se encontra atualmente, pela necessidade da comunidade pós-pascal de atribuí-lo ao traidor. Com isto, é certo que Marcos, v. 21b, está diante de duas expressões, onde possivelmente se desenvolveram juntas em um estágio bem primitivo e que posteriormente foram unidas pelas primeiras comunidades cristãs¹¹. Por outro lado, a tradicional fórmula, οὐαὶ (**ai**), na sentença de dor do v. 21b, traz

¹⁰ LAGRANGE, M.-J. *Évangile selon Saint Marc*, Paris 1929, p. 377: "καλόν...εἰ οὐκ ἐγεννήθη, οὐκ au lieu de μή, quoique l'indicatif soit hypothétique; c'est une exception; l'omission de ἔν est moins étonnante. La phrase se trouve dans le Talmud (b. *Haguigá* 11^b: לָּ שְׁלַח בֵּא לְעוֹלָם רָאִי; cf. b. *Berakoth* 17^a). Saint Jérôme a bien rendu le sens: *poena praedicitur, ut quem pudor non vicerat, corrigant denunciata supplicia... simpliciter dictum est, multo melius esse, non subsistere, quam male subsistere* (sur Mt. XXVI, 24)". BASTIN, M., *Jésus devant Sa Passion*. Paris 1976, p. 146: "La dernière partie de Mc 14,21 n'a pas de parallèle lucanien. Son contenu est sémitique, comme le montrent un verset de l'Hénoch éthiopien et un passage rabbinique. Elle se présente comme une amplification des deux premiers éléments sous l'influence de Mt 18,7-6. Un rédacteur aurait appliqué à Judas le logion sur le scandale. Mc 14,21 est à regarder comme un agglomérat de logia, dont deux peuvent être considérés comme historiques".

¹¹ Cf. TROCMÉ, É. *La Formation de l'Évangile selon Marc*. Paris 1963, p. 33-33. BASTIN, M. *Jésus devant sa Passion...* op. cit. p. 145: "Le démonstratif *ekeinós* apporte une confirmation indirecte. L'expression *tôi anthrôpôi ekeinôi* n'a de portée emphatique qu'en grec; en araméen, le sens est plutôt vague. Dans ce cas, Jésus n'aurait pas désigné nommément Judas; il aurait simplement parlé d'un traître. Il aurait acquis la certitude de la présence d'un traître parmi ses disciples, sans savoir précisément lequel d'entre eux. Par la suite, l'adjectif *ekeinôi* aurait été revêtu d'un sens précis par la Communauté post-pascale, en référence avec la trahison de Judas". JEREMIAS, J. *Le Parole dell'Ultima Cena*. Brescia 1973, p. 226: "'Εκεῖνος non ha qui un senso enfático, ma è del tutto privo di rilievo. Molto probabilmente deve la sua esistenza ad un pronome dimostrativo aramaico o ebraico. Troviamo un altro esempio di questo uso di ἐκεῖνος in Mc. 14,21 par. Rendere in greco con ἐκεῖνος questo correlato del tutto atono del pronome relativo va addirittura considerato come una traduzione erronea". ERNST, J. *Il Vangelo secondo Marco...* op. cit. p. 657: "Deve essere presa in considerazione la possibilità che il titolo si sia sviluppato insieme alle parole d'ammonimento ('guai') aggiunte in un secondo tempo. Certamente ci si dovrà accontentare di un onesto 'forse sì-forse anche no'".

consigo a consideração de uma não condenação da pessoa do traidor. De fato, sua ação cumpre o propósito de Deus, mas a paixão de Jesus é provocada por homens que “entregam” (παράδωμι) e conseqüentemente matam. Por isto, devem ser julgados por Deus¹².

A última parte do oráculo, v. 21c, também com base segura na antiga tradição, teve sua provável origem na comunidade palestinese primitiva¹³. Nela, a traição foi recebida como um escândalo e o traidor como uma incógnita por Jesus não tê-lo separada da íntima comunidade de mesa. Tanto o traidor como Jesus são instrumentos da poderosa vontade de Deus, com a diferença de que o primeiro era um órgão executante enquanto o segundo, abraçando o caminho do sofrimento da paixão, aceita a vontade de Deus sobre Ele conscientemente. Na perspectiva da salvação, o resultado do ato de trair

¹² KELBER, W. H. (Ed.) *The Passion in Mark*. op. cit. p. 32: “Although Judas appears to be self-reliant in Mk, his action fulfills the sovereign purpose of God. In other words, it is necessary to separate the action (which is judged as wrong) from the result of the action (which fulfills the plan of God)”. FISHER, L. R. *Betrayed by Friends. An Expository Study of Psalm 22*. Interpretation 18 (Richmond: 1964) 37: “Of course Jesus suffered; of course he died; but this does not defeat the plan of God”. DORMEYER, D. *Die Passion Jesu als Verhaltensmodell...* op. cit. p. 98: “Der Menschensohn erfüllt mit seinem Leiden den Willen Gottes (V 21a). Dennoch macht sich der Verräter, der lediglich den Plan Gottes zur Ausführung bringt, schuldig (V 21bc). Παράδωμι ist das Stichwort zur Beantwortung dieses Problems. Das Leiden Jesu wird durch Menschen bewirkt, die ihn ausliefern bzw. töten. Wenn auch diese Menschen den Willen Gottes erfüllen, so machen sie sich dennoch schuldig. Die Schuld des Verräters haben Vv 18-20 aufgezeigt; er gehörte zur Tischgemeinschaft Jesu, der intimsten personalen Gemeinschaft des biblischen Judentums, und hatte diese Bindung verraten”.

¹³ Cf. TROCMÉ, É. *La Formation de l'Évangile selon Marc...* op. cit. p. 33. SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit. p. 272: “Das alles aber deutet wohl auf die Entstehung des Logions in der wahrscheinlich palästinensischen Urgemeinde hin”. Cf. BULTMANN, R. *The History of the Synoptic Tradition*. Oxford 1972, p. 152. LOHSE, E. *La Storia della Passione e Morte di Gesù Cristo*. Brescia 1976, p. 53: “L'impronta semitica della frase – si noti anche solo il 'Figlio dell'uomo' nominato due volte e la presenza, pure due volte, del termine 'uomo' – avalla indiscutibilmente l'ipotesi che la sua formulazione sia avvenuta nella primitiva comunità palestinese”.

Jesus recebe uma conotação divina¹⁴, mas permanece sobre o traidor este ato como um passo monstruoso e incompreensível. Assim sendo, a ação é má e comporta um juízo onde se prova que “seria melhor para ele se não tivesse nascido”¹⁵.

O lugar próprio do *Sitz im Leben* do oráculo situa-se na forte acentuação da responsabilidade do traidor por sua ação e não somente no encontro da comunidade em relação ao fato da traição. Por outro lado, não se descarta a possibilidade para desculpar a responsabilidade do traidor por sua ação fortemente reprovável. Neste aspecto, L. Schenke esboça a seguinte opinião:

Isto podia indicar que, já nos tempos de Irineu, antes do ano 180 d.C., havia grupos cristãos que não aceitavam um juízo de repúdio geral, mas viam em Judas um instrumento da sabedoria divina. Judas tinha poderes sobre sua traição e, para se projetar, ambicionava a morte de Jesus, por isso, engana e possibilita a sua morte. Esta interpretação estava presente no grupo gnóstico dos cainitas de cujo círculo, provavelmente, saiu também o Evangelho apócrifo

¹⁴ Cf. HENGEL, M. *Studies in the Gospel of Mark*, London 1985, p. 37, sobretudo nota 24. TROCMÉ, É. *La Formation de l'Évangile selon Marc...* op. cit. p. 33: “L'accumulation des termes applicables aux Ecritures et à leur explication est en effet frappante dans ces quelques passages: διδάσκειν (122) en 8/31, 9/31; δέι, de la réalisation nécessaire des prophéties eschatologiques, (123) en 8/31, 9/11; γέγραπται en 9/12-13, 14/21; ἦλθεν ἡ ὥρα, au sens de l'application du plan de Dieu annoncé par les prophètes, en 14/41”. SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit. p. 273.275: “Die Tat des Verrates an Jesus bleibt trotz des göttlichen δέι, unter dem sie stand, ein so ungeheuerliches und unbegreifliches Vergehen, daß die Gemeinde über den Verräter nur noch das apokalyptische ‘Wehe’ rufen kann. Dieses ‘Wehe’ gilt dem endzeitlichen Geschick des Verräters im Gericht, nicht schon seinem irdischen Schicksal. Im Gericht wird sich erweisen, daß Ungeborensein besser für ihn gewesen wäre [...]. Dieser Vordersatz enthielt jedoch nur die Feststellung der Tatsache des Verrates und vielleicht noch eine Aussage über dessen heilsgeschichtliche Notwendigkeit (δέι)”.

¹⁵ Cf. SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit. p. 263-267. DORMEYER, D. *Die Passion Jesu als Verhaltensmodell...* op. cit. p. 98: “Als Einleitung des Warnspruches dient ein Bedingungssatz, der den Gegenstand der Warnung formuliert; diesem folgt die Aufforderung, das Ärgernis zu beseitigen; die Warnung bildet den Abschluß”.

de Judas que é colocado entre 130 e 170 d.C. Este fato gera uma alta avaliação de Judas em distintos grupos heréticos da Igreja primitiva. Se igualmente faltam testemunhas primitivas, assim não é excluído que a indicação da geral rejeição do traidor possa ter divergente juízo de Judas já com o primitivo precursor da primeira comunidade. Mas pode-se dizer, todavia, com certeza, que devemos nos contentar com a indicação desse possível 'Sitz im Leben' do grito de dor de Mc 14,21b¹⁶.

3 – A TRAIÇÃO DE JUDAS ENTRE FATO E FICÇÃO

A traição é um fato que pode ser visto facilmente como história real. Esta, porém, colocada em uma nova luz, como na presente cena do anúncio da traição, é entendida muitas vezes como criação de Marcos, cuja finalidade é fazer sempre mais viva a cena da terrível solidão de Jesus, abandonado por todos e mesmo por seu escolhido grupo. Afirma-se que o papel de Judas originalmente foi uma parábola para advertir os crentes da possibilidade de vir a ser um traidor de Jesus. A propósito, estas teses sobre as possibilidades figurativas do nome de Judas têm conduzido, segundo R. E. Brown, um número de estudiosos a concluir que Judas nunca existiu, mas foi, originariamente, uma figura de ficção¹⁷.

A trágica história de Judas, porém, é contada por Marcos de maneira breve e sem nenhum embelezamento no que se pode considerar dela em Mc 1-2.10-11,43-46. Suas palavras mostram até onde Marcos pode chegar sobre o obscuro ato do traidor, ao qual não é sugerida nenhuma razão do porque fez isto ou a reivindicação do dinheiro oferecido pelas autoridades. Se as posteriores histórias da traição de Judas foram repetidas e aumentadas, como em Mateus e Lucas, para responder a tais questões, é porque Marcos tinha deixado os traços sobre os quais a subsequente tradição podia se mover, porém, não

¹⁶ Cf. LAUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 253-255; SCHENKE, L. *Studien zur Passionsgeschichte des Markus...* op. cit. p. 274.

¹⁷ Cf. BROWN, R. E. *The Death of the Messiah...* op. cit. p. 1395-1396.

deixaram de ser repetições. Muitos detalhes sobre a menção de Judas e seu ato triste podem ser encontrados facilmente. A conspiração do filho de Davi e o plano forçado por seu conselheiro Aquitofel poderiam parecer base para a história do discípulo traidor de Jesus. Mais ainda, o verdadeiro nome de Judas e sua posição como um dos Doze que, por dinheiro, vende seu mestre, poderiam parecer como uma clara reflexão do ato do primitivo Judá, um dos doze irmãos, solicitando a venda de José para o Ismaelita por doze moedas de prata (Gn 37,26-28). Não parece, contudo, conveniente considerar a traição de Judas um imaginativo aumento de Marcos da história da paixão, refletindo a primitiva confiança dos cristãos de que toda sua história tinha de ser encontrada predita nas proféticas páginas da Sagrada Escritura. Uma vez neste quadro, os detalhes e a forma das histórias poderiam ser facilmente modificados. Em todo caso, são poucos os que facilmente negam a breve menção do ato de Judas em Marcos como uma história aumentada. Outros, porém, podem encontrar merecedora consideração ou até mesmo uma imediata aceitação¹⁸. Para R. E. Brown, todas as diferentes listas sinóticas dos Doze mencionam Judas e isto é seguramente tradição pré-evangélica. Judas é firmemente implantado nos sinóticos e na narrativa joanina da paixão. Se ele foi uma criação de ficção, não poderia ter ocupado nenhum lugar na primeira década da tradição cristã. Assim, no julgamento deste autor, está evidente que um dos Doze, chamado Judas, entrega Jesus às autoridades, arquitetando sua morte¹⁹.

4 – A DEFESA DA NATUREZA DE JUDAS: UM APÓSTOLO BOM E CONFIÁVEL

A primeira questão que Orígenes enfrentou foi sobre a vida e a carreira de Judas. Se as acusações o levam a ter existido desde sempre como um hipócrita, defraudador, ladrão e traidor, ou mesmo desde o momento em que

¹⁸ Cf. ENSLIN, M. S. *How the Story Grew: Judas in Fact and Fiction*. Leiden 1972, p. 126.127.137.139.141.

¹⁹ Cf. BROWN, R. E. *The Death of the Messiah...* op. cit. p. 1396.

se tornara um dos Doze discípulos, Orígenes nega veementemente essa incapacidade de salvação inerente à natureza do traidor. Este, como todos os outros seres humanos, tinha recebido a mesma possibilidade de escolher entre o bem e o mal, logo não fora guiado para criar o mal desde o início de sua vida. Ele fez muitas coisas boas, optou por ser um discípulo do Senhor, acreditou honesta e genuinamente em Jesus e compartilhou de sua fé e dos próprios benefícios do ser discípulo²⁰.

Orígenes medita sobre o processo da traição de Judas – originariamente bom e confiável apóstolo aconteceu que posteriormente trai seu Mestre –. Sua base dedutiva é Jo 13,2 e 13, 27, assinalando, com isso, os passos da entrada do traidor no mundo do mal e de Satanás que entrou e se instalou no coração de Judas. Quando? Na subida para Jerusalém. Onde? Ao chegar em Jerusalém veio a mudança fatal, isto é, a diabólica intenção entrou no coração do traidor, servindo de base para colocar em ação os destrutivos planos de Satanás. Por que? O traidor não estava revestido do amor de Deus e do escudo da fé, o suficiente para torná-lo hábil na extinção do mal. Este porque é focalizado posteriormente no desejo de Judas pelo dinheiro como a verdadeira raiz do mal²¹.

Outra questão crucial vai a torno da presciência de Deus, o qual poderia intervir na traição de Judas. Para essa questão, Orígenes argumenta com a noção do livre arbítrio. Desta forma, o traidor como qualquer ser humano tinha a possibilidade de escolher entre Deus e o mal. Isto implicava na previsão atestada no AT. Orígenes, entretanto, prova uma possível mudança em tal previsão sobre Judas. Jesus representa esta mudança, prevendo o que estava para acontecer. Logo, depois que Ele mesmo tinha espreitado o mal dominando o coração do traidor, Ele também tentou dominar a injuriada alma de Judas, procurando afastá-lo de tal propósito. A prova disto tinha sido a confiança depositada em Judas, tornando-o responsável pela bolsa de dinheiro. Se o

Cristo falhou nesta tentativa foi porque o livre arbítrio desviou Judas do bom caminho, optando contra Cristo. Mais do que uma necessidade determinada pela presciência, Orígenes vê uma decisão histórica entre o traidor e Cristo²².

Uma terceira e última questão se desenvolvem em torno da responsabilidade de Judas no ato de trair, uma vez possuído pelo mal. Algumas vezes, Orígenes enfatiza o primeiro aspecto como a particular decisão de Judas, outras vezes é forçado a insistir no segundo aspecto como a transcendente parte do mal. No conjunto, isto dá a impressão de que o mal ataca muito mais que o próprio Judas. A traição, entretanto, é o seu próprio ato e o traidor teve a chance de agir diferentemente, mas ele a praticou como um servo do mal, em meio a uma luta que o colocava acima de seu próprio domínio e controle. Não se pode, contudo, encontrar em Orígenes alguma afirmação que mantenha separadamente o humano e o satânico na responsabilidade pela traição de Cristo²³.

A base real desta dialética situação é sustentada no conhecimento de Orígenes sobre a “economia da salvação”, que conecta o aspecto humano e transcendental do mal. A economia de Deus começa a entrar em seu momento crucial com a traição porque esta é a entrada para o ciclo da paixão, morte e ressurreição. A relação entre o plano salvífico de Deus e a traição não pode ser negada. A traição de Judas, de algum modo, torna-se uma parte da economia. Se esta tem seu ponto alto na morte e ressurreição e se a captura pelos Judeus foi o começo do caminho de Cristo para a cruz, então, obviamente, a traição, facilitando o serviço dos Judeus, tinha seu lugar no centro desta economia. Orígenes trabalha as idéias do Cristo que é entregue e de Deus que não poupa seu único filho, entregando-o por todos nós. A conclusão é que todos entregaram o Cristo: o Pai, Judas, Satanás e os Sumos Sacerdotes. De um lado, Judas traiu o Cristo por causa do “dinheiro” em hostil intenção, por outro lado, Deus em um modo beneficente. Orígenes não sacrifica nem a

²⁰ Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 254-255.

²¹ Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 255-259.

²² Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 260-264.

²³ Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 264-265.

responsabilidade humana, nem a participação do mal e nem a presença de Deus na vida de Cristo. Em tudo isto afirma sabiamente Orígenes: em torno da traição de Judas contra Jesus ronda um mistério²⁴.

5 – CONCLUSÃO

O grande conflito vivido nos primórdios da Igreja, com a questão do discípulo traidor, Judas, é um paradoxo que continua ainda hoje como realidade simbólica e diabólica²⁵, fazendo suscitar uma questão sempre crucial: Sou eu um traidor do Senhor?

O ser humano pode sempre ser passível de escândalo, como também pode sempre se autocorrigir e buscar a redenção de sua natureza original. Por isto, Orígenes defende veementemente essa capacidade de salvação inerente à natureza do traidor²⁶.

O Ser humano pode contar com salvadores que se compadecem de sua situação decadente e lhe oferecem chances de vida, como o próprio Jesus que teve compaixão de Judas, admitindo-o no grupo íntimo dos comensais.

Na verdade, cada um de nós hoje pode e deve ser o salvador para o outro. Pode ouvir os apelos que o chamam para a realidade simbólica, isto é, realidade que integra. Uma integração pessoal, social e transcendental²⁷.

Cada pessoa pode entrar num processo de refazer sua natureza histórica, como Judas que teve a oportunidade de descartar o agir satânico e paulatinamente recuperar o seu ser humano. Ele poderia orientar sua vida em direção ao Cristo e descobrir sua vocação divina. Da realidade diabólica, que

desintegra, destrói e mata, Judas poderia se transfigurar em homem livre, sem esquemas de certeza a defender, para permitir o agir de Deus e sua ação na história²⁸.

Cada um de nós pode, portanto, ser exemplo de pastor para o outro na busca de sua verdadeira natureza humana²⁹, criada por Deus e possuidora de uma “sabedoria” diferente da natureza satânica dos poderes do mundo que em nome da paz manipula massacra e impede a vida e a liberdade.

Se de um lado havia dúvidas do porque Jesus não separou o traidor da íntima convivência, por outro, este recebia a condenação total ou parcial, aceitando-o como um instrumento de Deus. Marcos vence esta polêmica; a mudança do oráculo é prova disto. Logo a ação de entregar, apesar de cumprir um propósito de Deus, é uma ação diabólica e a de Jesus simbólica, aceitando-a livremente.

Pe. César Teixeira é doutor em Teologia Bíblica.
Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

²⁴ Cf. LAEUCHLI, S. *Origen's Interpretation of Judas Iscariot...* op. cit. p. 265-266.

²⁵ Cf. BOFF, L. *O Despertar da Águia. O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis. Rio de Janeiro 2002. p. 11-16.

²⁶ Cf. BOFF, L. *O Despertar da Águia...* op. cit. p. 159-161.

²⁷ Cf. BOFF, L. *O Despertar da Águia...* op. cit. p. 159-161.

²⁸ Cf. BOFF, L. *O Despertar da Águia...* op. cit. p. 159-161.

²⁹ Cf. BOFF, L. *O Despertar da Águia...* op. cit. p. 159-161.